

UMA ALTERNATIVA AO NEOLIBERALISMO OCIDENTAL | POR RAINER RUPP

Posted on 16. November 2020

A ascensão da parceria russo-chinesa-russa já não pode ser travada.

Um comentário de Rainer Rupp.

Ainda faltam mais de quatro semanas até 14 de Dezembro de 2020, o dia em que os eleitorados dos estados americanos se reunirão para o Colégio Eleitoral e elegerão o Presidente dos EUA para os próximos quatro anos. Até lá, Joe Biden ainda não é presidente, embora os media e os políticos alemães já estejam a fingir que é esse o caso. Mas nem a imprensa alemã nem a dos EUA determinam quem é o presidente dos EUA.

No caso de Biden se tornar presidente, já está a surgir uma facção entre os conselheiros de política externa de Biden que está a seguir um caminho mais duro contra a Rússia do que o que seguiu sob Trump, combinado com melhores relações com a OTAN-Europa, a fim de envolver os europeus na política de confrontação intensificada contra Moscovo.

Entretanto, outro grupo, por razões de política económica e financeira, defende o desanuviamiento com Pequim, a fim de regressar ao lucrativo modelo de negócios das empresas americanas durante o mandato de Biden, nomeadamente a utilização da China como uma bancada de trabalho alargada da economia americana. Pois a economia dos EUA teve desde então tempo suficiente para perceber que não há alternativa à China para as centenas de milhões de trabalhadores chineses disciplinados, ansiosos e agora bem treinados na Índia, Indonésia ou Vietname. O mesmo se aplica à infra-estrutura perfeitamente funcional do Reino do Meio.

Esta facção económica dos EUA, que quer voltar a fazer bons negócios com a China, tem a oposição da facção não menos poderosa e politicamente influente do Complexo Industrial Militar (MIK), que domina a política externa e de segurança dos EUA. Biden tinha-se acostumado a isto na campanha eleitoral, não só com a sua posição dura em relação ao Kremlin, mas também contra a China. Durante o segundo e último debate presidencial de 23 de Outubro, Biden gabou-se de que Obama e ele já tinham adoptado uma posição mais agressiva sobre as reivindicações da China em relação a grandes partes do Mar do Sul da China em 2015, ou seja, antes de Trump, em ligação com a nova estratégia "pivot to Asia".

Literalmente, Biden disse: "Quando conheci Xi (o Presidente chinês) e ele ainda era Vice-Presidente, ele disse: 'Estamos a criar zonas de identificação aérea no Mar do Sul da China, não se pode voar através delas'. Eu disse: "Acabámos de voar através deles com bombardeiros B-52/B-1. Ignoraremos a proibição".

O 'Pivot to Asia' foi a decisão de mudar radicalmente a estrutura militar geoestratégica das forças dos EUA, com um novo enfoque na Ásia. Até então, o planeamento estratégico dos EUA tinha reservado a maioria da capacidade militar dos EUA para possíveis guerras na Europa e no Próximo e Médio Oriente. Como parte do "pivot", foi dado início ao reagrupamento de 60% do potencial militar dos EUA para conflitos na Ásia, ou seja, contra a China. Por conseguinte, pode presumir-se que nada mudará nos próximos quatro anos, mesmo com um Presidente Biden.

Em Julho deste ano, a administração Trump rejeitou categoricamente a maioria das reivindicações da China para as águas do Mar do Sul da China. Ao mesmo tempo, os belicistas de Washington procuraram a cooperação com países asiáticos para os manter afastados dos carrinhos do seu curso de confrontação e contenção contra a China. É também provável que este curso continue sob Biden.

Ninguém deve, portanto, ficar surpreendido que a política abertamente agressiva dos EUA contra a Rússia desde 2014 e a política de confronto recentemente intensificada contra a China tenha levado a que Moscovo e Pequim estejam finalmente unidos do mesmo lado das "barricadas" contra o grande hegemonte de Washington.

Em Berlim, os decisores da política externa estão a tentar alcançar uma espécie de equilíbrio entre os dois pólos apenas por razões económicas - a China tornou-se mais importante para as exportações alemãs do que os EUA. Mas isto não funcionará enquanto a Alemanha não se libertar da sua vassalagem americana. Mas as elites alemãs em finanças, política, meios de comunicação e ciência paga, todas elas intimamente interligadas com o sistema financeiro dos EUA, não têm qualquer interesse nisto.

Durante o primeiro mandato de Trump, houve apenas alguns apelos para que a UE - com a Alemanha e a França como principais potências - se separasse dos EUA e prosseguisse políticas independentes. Com a esperança de quatro anos de Biden na Casa Branca em Washington, em que o lucrativo mas maltratado

modelo de negócios neoliberais das elites ocidentais vai ser reparado, estas vozes para uma UE independente dos EUA desapareceram de novo.

A Guerra Fria declarada unilateralmente pelos EUA contra a Rússia e a China, que de acordo com o anúncio sob Biden deverá ser prosseguida de forma mais intensa, irá também colocar exigências à superpotência imóvel (!) EUA que só ela não pode satisfazer. Por esta razão, a Europa também deve ser aproveitada para as carroças da política anti-chinesa dos EUA. Do novo tom de confronto dos autoproclamados meios de comunicação alemães de qualidade e das declarações políticas de Berlim sobre a China, já se pode ver que os cães de colo alemães estão mais uma vez a saltar bem comportados por cima de cada pequeno pau que o seu mestre em Washington lhes está a segurar. Estão a fazê-lo apesar de saberem que estão a agir contra os interesses instalados da grande maioria do povo alemão, que não quer mais do que a paz e a expansão do comércio mutuamente benéfico com a Rússia e a China, em vez de armamento e jogos de poder perigosos para assegurar o domínio global dos EUA.

Deveria também ter ficado claro para os vassalos transatlânticos em Berlim há muito tempo que estão a pôr em risco o futuro económico e a prosperidade do nosso país pela sua obediência americana. Pois o declínio social e económico do Ocidente dificilmente pode ser travado, enquanto nem Biden nem o possivelmente ainda vitorioso Trump podem travar a parceria sino-russa cada vez mais estreita. Esta parceria oferece não só aos seus próprios países, mas a toda a sociedade, em vez do neoliberalismo ocidental, com a sua mentalidade de vencedor-tudo, caminhos de progresso e prosperidade para toda a sociedade.

O exemplo seguinte realça a diferença crucial entre o Ocidente liderado pelos EUA, por um lado, e a China e a Rússia, por outro:

Uma das lições mais importantes da história chinesa é que prover às necessidades físicas básicas do povo é a tarefa mais importante para um governante. Contudo, aqueles governantes que estão envolvidos em guerras impiedosas ou intermináveis que empobrecem o povo, ou que ignoram as necessidades básicas das massas populares, são logo postos de lado. É por isso que o emprego e a criação de empregos seguros e constantemente de melhor qualidade, juntamente com o aumento da prosperidade individual e social,

desempenham um papel tão importante no novo 14º Plano Quinquenal da República Popular da China.

O sistema totalitário do neoliberalismo, por outro lado, tornou durante décadas as classes mais baixas da população cada vez mais pobres e as pequenas classes mais altas fabulosamente ricas. Os instrumentos para tal foram principalmente a) a privatização das tarefas até então públicas até ao abastecimento de electricidade e água, com o objectivo de maximizar o lucro privado dos accionistas das grandes empresas, e b) a chamada "financeirização" de quase todas as áreas da vida, em que entretanto tudo tem um preço mas nada tem um valor.

Além disso, no Ocidente, a proporção de salários e vencimentos no produto interno bruto tem sido sistematicamente empurrada para baixo nas últimas décadas. Isto significa que o capital já não permitiu que a maioria dos trabalhadores e empregados participasse nos ganhos de produtividade que eles próprios alcançaram. Ao mesmo tempo, os patrões neoliberais também roubaram uma grande fatia da parte dos trabalhadores no bolo económico global. Por exemplo, de acordo com o Bureau for Economic Analysis dos EUA, nos últimos 50 anos, a percentagem de salários e vencimentos no produto interno bruto dos EUA caiu de 51,5 por cento no início dos anos 70 para 43 por cento actualmente.

Mesmo a revista americana Time ficou surpreendida com o facto de, durante o período de 50 anos, isto somar um total de 50 triliões de dólares; 50 mil milhões de dólares, ou seja, um cinco com 13 zeros: 50.000.000.000.000.000 que foram retidos aos trabalhadores e empregados americanos, ou roubados e acrescentados aos primeiros 10 por cento. Também na Alemanha, a tendência vai no mesmo sentido, embora só tenha começado no início dos anos 90 e ainda não seja tão má como nos EUA.

A conclusão é que o modelo empresarial da economia de mercado ocidental e neoliberal está em declínio e o modelo de economias de mercado controladas da Parceria Estratégica Russo-Chinesa está em ascendência. Assim, a Rússia e a China oferecem dois modelos de desenvolvimento, especialmente aos países do Sul global, que são radicalmente diferentes do dogma neoliberal do Ocidente, que está a perder cada vez mais influência nestas regiões do mundo e vê o seu modelo de negócios explorador em perigo. Isto é precisamente o que as elites dos EUA e da UE consideram como a alegada ameaça russa e chinesa, contra

a qual estão agora a mobilizar militarmente.

+++

Obrigado aos autores pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: [plavevski](#) / shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK